

A GUERRA DO PARAGUAI

Coronel de Infantaria do QEMA

JOÃO FERBOYRE DE VASCONCELOS FERREIRA

Comandante do Colégio Militar de Fortaleza

Abrindo a série de conferências sôbre a Guerra do Paraguai, vou apenas fazer a introdução ao assunto, procurando retratar as grandes linhas mestras que o definem.

Não sei se esta vista panorâmica vai ajudar o entendimento dos temas subseqüentes a serem apresentados ou se interessa ao desenvolvimento dos mesmos. Temos medo que a nossa incapacidade de ver, vá criar apenas nos ouvintes uma impressão vaga de acontecimentos tão contundentes e tão relevantes para a História do Brasil.

Realmente, a Guerra do Paraguai foi o coroamento decisivo da formação de nossa nacionalidade e a afirmação cruenta que fizemos da nossa hegemonia inegável naquela época, dentro do espaço sul-americano.

Vamos abordá-la, neste esqueletamento, sob o ponto de vista histórico e militar.

Falando à mocidade queremos, neste preâmbulo, ressaltar o valor da contribuição individual no processo de crescimento das coletividades. Se não somos carlileanos ao ponto de acreditarmos que a história de um povo é a biografia dos seus grandes homens, temos de reconhecer que os heróis por sua sensibilidade, como um núcleo de ferro doce dos eletroímãs, atraem sôbre si as linhas de força da história e passam a representar a luz da sua época.

A nossa posição, porém, é que a grandeza dêles é a grandeza das sociedades, onde transitam, porque acreditamos, que só no social existe a plenitude dos valores de uma civilização.

Os seus méritos, portanto, advêm da capacidade de representar êsses valores, corporificá-los e num "close-up" exhibi-los para orgulho da sociedade e admiração dos pósteros.

A sociedade inspira, assim, a biografia dos indivíduos, condiciona os heroísmos, grandezas e deficiências pela imposição de determinados valores, válidos para circular.

Para nós, evolucionistas, isso decorre de uma circunstância — postulado de que o homem racional é posterior à sociedade. Parece uma abstração. Quando, porém, o homem acordou de sua condição sub-humana,

evoluindo de uma consciência fragmentária para uma consciência contínua, foi nos braços de uma sociedade que êle se embalou. Se o indivíduo fôsse o parâmetro da grandeza social, não teríamos o caso típico das avançadas sociedades das abelhas e formigas com indivíduos ontologicamente minimizados.

É com reverência, contudo, que o Comando do Colégio Militar apregoa êsses arautos dos valores do século XIX, e com veneração e carinho que cita seus nomes augustos como um exercício para nossa grandeza, porque como diz o adágio antigo, "honrar, honra".

O culto de seus efeitos constitui um exercício de memória para os povos. Como a memória condiciona a personalidade, êles condicionam o estudo da História como um roteiro vivo, balizando os grandes rumos do passado. São êles:

- 1 — CAXIAS — Dezembrada.
- 2 — OSÓRIO — Tuiuti.
- 3 — SAMPAIO — Tuiuti.
- 4 — PORTO CARREIRO — Forte Coimbra.
- 5 — ANTÔNIO JOÃO — Dourados.
- 6 — CAMISÃO — Laguna.
- 7 — ANDRADE NEVES — Avaí.
- 8 — MALLET — Tuiuti.
- 9 — ARGOLO — Tuiuti.
- 10 — GURJAO — Tuiuti.
- 11 — PORTO ALEGRE — Curuzu.
- 12 — VILAGRAN CABRITA — Travessia do Paraná.
- 13 — MENA BARRETO — Tuiuti.
- 14 — BARROSO — Riachuelo.
- 15 — TAMANDARÉ — Marinha do Brasil.
- 16 — MARCÍLIO DIAS — Parnaíba.

Cada um dêles é uma página viva de heroísmo e de brasilidade. A cada um dêles devemos uma parcela de nossa atual segurança, de nosso bem-estar e de nossa prosperidade.

SÍNTESE HISTÓRICA

A Pátria Brasileira nasceu num dia de abril de 1500, numa réstia litorânea da Bahia.

Cumpria-se para os seus descobridores, um largo e afanoso trabalho, simbolizando tôda uma época de efervescência, onde a didática da História situa a idade moderna.

Era a época do renascimento do espírito humano. Era a época das grandes descobertas. Os dois povos peninsulares Portugal e Espanha, desde 1494 tinham já as suas ambições territoriais disciplinadas pelo Tratado de Tordesilhas que, em termos brasileiros, colocava a porção oeste da linha Belém-Laguna nas mãos da Espanha.

Esta linha teórica e formulada com tanta ingenuidade seria a referência sempre presente na formação geográfica da nossa nacionalidade, matriz de conflitos entre as duas metrópoles e suas colônias. Teve sua violação estimulada por um fato histórico — a união temporária das duas coroas e, por um fato econômico-social — a caça ao índio e a determinação aventureira de descobrir ouro.

Surgiu desta determinação a epopéia das entradas e bandeiras, para nós, o fato de maior relevância da história colonial. Os bandeirantes e entradistas não só criaram o Brasil Geográfico, como estruturaram pela luta contra os lindeiros espanhóis, no seu avanço para oeste, um sentimento de individualização da Pátria, que passou a sobrenadar os impulsos primitivos que os movimentaram: — a caça ao índio e o ouro.

Se defendíamos o Brasil a leste, contra a invasão estrangeira firmando uma posse legítima, a oeste legitimávamos a posse à ponta das estocadas dos bandeirantes, violando um tratado.

Estava criada a Pátria Brasileira, individualizada geográfica e sentimentalmente. Bastaria, mais tarde, um simples grito (permitam-me o termo) para que se inaugurasse um monumento de três séculos.

A Nação livre herdou da Colônia o clima atritante, no sul. Sucederam-se a campanha de 1828 contra a Argentina — a guerra contra Rosas e, finalmente, a guerra do Paraguai.

Não é nosso propósito desvendar a trama, a tessitura diplomática dos fatos ou levantar a consangüidade com outros fatos, próximos ou longínquos, num afanoso trabalho de pesquisa histórica.

Deixamos aos caros professôres que me vão suceder na cátedra, essa tarefa. Sobre-lhes mérito para a empreitada e dizemos mais, com as amostras que manuseiam diariamente nos seus gabinetes de estudo, terão muito mais perspicácia para ver e mais argúcia para ordenar, apresentando uma história mais inteligível. Com seu entusiasmo contagiante levarão ao moço o conteúdo sentimental do estudo da História, que é amar ao seu País, constituindo um dos serviços marcantes do professor de História — fazer conhecer a História da Pátria para entrar em sintonia com suas glórias ou viscissitudes passadas, viver êsse passado com intensidade, amá-lo e projetar essa admiração nos dias correntes para bem servi-lo.

Meus senhores:

Como um estudo auxiliar dêsse esboço histórico, vou tentar retratar o sentimento de sociedade política do século XIX que, a meu ver, foi a matriz histórica que permitiu que as causas remotas, políticas, geopolíticas e sociais pudessem determinar fatos ou influir sobre eles.

Vamos enumerar essas causas para não desmerecer a sua importância, segundo o professor Joaquim Ribeiro.

Como causas mediatas ou remotas:

- Antagonismo secular entre Portugal e Espanha.
- Bandeirismo — ciclo da caça ao índio.

Como causas mediatas ou remotas:

- Bacia do Prata — como fator de conflito.
- A saída para o mar.

Como causas políticas:

- Intervenção do Brasil no caso Aguirre.
- Enfraquecimento do prestígio do Império, face ao Império Britânico (Questão Cristie).

Como causas sociais:

- O Caudilhismo.
- O Militarismo.

Como causas econômicas:

- Reação do imperialismo do Brasil, no Prata.
- Luta pelo monopólio do rio Paraguai.

Contudo, todo êsse arsenal de estímulos prováveis seriam inoperantes se o clima político do século não estivesse imbuído de um individualismo agressivo de grupo — chamado nacionalismo. Essa idéia em seu conteúdo exato não tinha nem um século. Porque só a proclamação universal (leia-se ocidente) dos direitos políticos poderia preparar o advento de um nacionalismo pleno. Sòmente sentindo-se parte alíquota de um todo pode o homem desfaldar a bandeira do seu grupo como se ela fôsse a própria bandeira do seu interêsse. Nacionalismo expansionista e colonialista que justificava a qualquer um, inclusive a Lopes, alargar-se segundo seus interêsses geopolíticos, procurando na doutrina do espaço vital, ainda não proclamada, mas já vigente — a segurança do Estado, através da grandeza do espaço. Segurança no conceito moderno de medidas cuja meta é a obtenção dos objetivos nacionais permanentes. Ou para qualquer povo: ser livre e ser feliz.

Admitimos que foi êsse o grande "back ground" sôbre o qual se projetaram as causas já nomeadas porque, se muitas daquelas causas ainda continuam atuando, ficaríamos sem compreender porque elas se esbatem e se amortecem numa moderna concepção de nacionalismo e de Estadô.

Hoje, o nacionalismo já faz concessões constantes a um sentido mais largo de compreensão humana e, embora não se extinga, sente-se que não é mais a fôrça atuante no século XX onde toma quase que uma posição de fôrça de inércia ou reação, provocando duelos nas consciências coletivas, empolgadas pela nova mensagem do século, que é uma visão continentalista no plano das nações e uma aceitação mais social da vida dentro do grupo.

A Pátria como que evolui para um tipo de área de administração autônoma, soldada por um destino comum a vários povos.

CONCLUINDO:

- 1 — As bandeiras violaram o Tratado de Tordesilhas e nos levaram às barrancas do Paraguai.
- 2 — O contato estremecido por várias causas políticas, sociais, geopolíticas e remotas, gerou uma possibilidade de conflito.
- 3 — O sentido excessivamente individualista do século XIX deu forma aos apelos das causas já citadas e, sob o manto do nacionalismo, quis o Paraguai criar a segurança no seu amplo sentido, através da guerra.
- 4 — O século XX jogou de novo as duas nações nos braços uma da outra, tentando um convívio mais construtivo, rumo a um continentalismo sadio, porque marchar juntas é marchar mais fortes e felizes.

SÍNTESE MILITAR

Esta palestra não pode querer ser uma aula de História Militar.

A circunstância de sermos do Exército dá forma à vontade de conversarmos as nossas glórias em redor da fogueira da amizade que nos reúne. E assim, vamos sem propósitos certos, perlustrarmos os grandes traços dos episódios militares, como quem quer criar um fundo musical para o palco, onde se deve exibir nossos heróis.

O estudo da guerra comporta, didaticamente, quatro fases:

- 1ª FASE: INVASÃO DE MATO GROSSO.
- 2ª FASE: INVASÃO DE CORRIENTES E RIO GRANDE DO SUL.
- 3ª FASE: OFENSIVA DOS ALIADOS ATÉ A TOMADA DA ASSUNÇÃO.
- 4ª FASE: CAMPANHA DAS CORDILHEIRAS.

Na 1ª FASE, Lopes, após aprisionar o Marquês de Olinda, a 3 de novembro de 1864, invade Mato Grosso com pleno êxito, opondo 8.000 homens a 1.000 homens. A ocupação vai até S. Lourenço — Coxim.

Três marcos históricos são levantados:

- COIMBRA, com PORTO CARRERO.
- DOURADOS, com ANTÔNIO JOÃO, onde o herói fundiu em bronze uma mensagem para todos os séculos. Mensagem de bravura, de renúncia, com a extrema eloquência que lhe inspirou o seu sentimento de brasileiro e de soldado, ante a invasão da Pátria: "SEI QUE MORRO.

MAS O MEU SANGUE E O DOS MEUS COMPANHEIROS SERVIRÁ DE PROTESTO SOLENE CONTRA A INVASÃO DO SOLO DA MINHA PÁTRIA”.

Dois anos haveriam de decorrer sôbre êsses infaustos acontecimentos, para que tentássemos a recuperação do território perdido. E seria em vão.

Em 1867, essa tentativa infrutífera haveria de determinar a Retirada de Laguna — um incidente militar sem importância — orquestrada com o sacrificio de 1.300 brasileiros, criando uma epopéia magnífica que, pela sua magnitude de grandes rasgos d'alma, passou a ser um capítulo da História Universal.

Todos já ouviram falar no Coronel CAMISÃO e no guia Lopes, tão bem retratados no livro “A RETIRADA DA LAGUNA”, de Taunay, cuja leitura vos recomendo. A primeira fase constitui uma vitória paraguaia, sem expressão militar, porque faltavam objetivos geográficos ou militares, que justificassem a invasão. Desviou 8.000 homens da frente principal do sul e apenas serviu para levantar o moral do seu povo, por seu êxito retumbante.

A passagem de Humaitá, em 19 de fevereiro de 1868, que nos deu o comando do rio, obrigou Lopes a retirada de suas tropas de Mato Grosso.

Ficou patente, por êsse fato, que a ocupação de Mato Grosso não tinha consistência e que era um teatro — eco das glórias e revezes do sul.

Na segunda fase da guerra, Lopes invade Corrientes e Rio Grande do Sul, em abril de 1865.

A invasão de Corrientes selou a adesão argentina, consagrada no Tratado da Tríplice Aliança.

Não podia Lopes aprofundar-se no território inimigo, sem destruir a esquadra brasileira que dominava a principal via de comunicação — o rio Paraná. Isso determinou a Batalha de Riachuelo, a 11 de junho de 1865 — a maior batalha naval da América do Sul, onde a Marinha salvou a sorte das nossas armas.

Foi à vista do inimigo, às 8 horas de 11 de junho, que o navio Capitânea transmitiu a tôda a esquadra a mensagem histórica: “Atacar o inimigo, que a glória é nossa. O Brasil espera que cada um cumpra o seu dever”.

Barroso foi o chefe inigualável. Marcílio Dias e Greenhalgh, a bordo da “Parnaíba”, passaram à História.

Nesse mesmo dia, Estigarriba invade o Rio Grande do Sul, por São Borja. A Pátria foi vingada com a apoteose da rendição de Uruguaiana, a 18 de setembro de 1865, onde 59 oficiais e 5.131 soldados paraguaios se renderam. O Imperador compareceu em pessoa à rendição.

Dia de festa para o Imperador. Osório era o herói e dono da casa para recebê-lo.

E assim, terminou a ofensiva paraguaia.

Após o recolhimento dos efetivos paraguaios ao seu país, tínhamos que transpor o rio para lhes seguir as pegadas. Era a terceira fase. Era a ofensiva aliada.

Em 16 de abril de 1866, invadíamos o Paraguai.

Osório — diz um historiador — bateu-se como um cadete e transpusemos o rio e ocupamos o Passo da Pátria, uma ótima cabeça de ponte para o Exército Aliado que se aprestava para erigir o monumento guerreiro de Tuiuti, a 24 de maio de 1866 — a maior batalha da América do Sul.

Osório e Sampaio cobrem de glórias as armas brasileiras.

Seguem-se, a 2 de setembro, o tomada de Curuzu, com Pôrto Alegre, e o revés de Curupaiti, contra o qual o Império lançou mão de sua reserva máxima — CAXIAS. Caxias assume o comando das tropas brasileiras a 18 de novembro de 1866.

Caxias lança a sua célebre marcha de flanco, que isola Curupaiti e Humaitá; atravessa o rio e se lança na retaguarda inimiga.

A 15 de agosto de 1867, a esquadra força a passagem de Curupaiti e, a 19 de fevereiro de 1868, Humaitá. A 3 de março de 1868, Lopez abandona Humaitá e, a 21, Curupaiti.

O sul do Paraguai estava praticamente em nossas mãos.

A manobra de Piquiciri foi concretizada por vários encontros. ITO-RORÓ, a 6 de dezembro de 1868 — “Sigam-me os que forem brasileiros!” — quando as tropas, perplexas, estavam sendo rechassadas pelos paraguaios, que obstavam o nosso movimento rumo ao sul.

A 9 e 10 de dezembro, a cavalaria fez um duplo desbordamento, tipo Canes, na batalha de Avai.

A 21 de dezembro de 1868, em Lomas Valentinas, selamos o destino dos paraguaios.

A 30, rende-se Angustura.

Foi a célebre DEZEMBRODA, que confirmou os méritos militares de Caxias.

Assunção rendeu-se a 5 de janeiro de 1869. Caxias retira-se para o Brasil e se inicia a quarta fase ou Campanha das Cordilheiras, que foi o crepúsculo, com o aspecto de guerrilhas ou combate de perseguição ao velho tirano, que não compreendia a derrota.

Resta citar apenas a manobra de Peribebuy, com a batalha de Campo Grande, a 16 de agosto de 1869.

Morre o ditador a 1º de março de 1870.

Acabou-se uma longa luta de 5 anos.

O Brasil saiu engrandecido, firmando de novo os seus limites com os países do Prata e reafirmando perante o mundo a nossa hegemonia incontestável, naquela área do sul.

CONSEQUÊNCIAS DA GUERRA DO PARAGUAI, LEVANTADAS POR ESTUDIOSOS DO ASSUNTO

A) PARA O PARAGUAI

- Queda da tirania de Lopez e início de uma era constitucional.
- Abolição da escravatura por proposta do Conde d'Eu.
- Definição de suas fronteiras com o Brasil e a Argentina.
- Derrocada econômico-financeira que persiste até nossos dias.

B) PARA O BRASIL

- Solução da questão de limites com o Paraguai.
- Solução definitiva para a liberdade de navegação do rio Paraguai.
- Maior atenção para o problema da ligação terrestre com Mato Grosso.
- Manutenção da política contra a formação do Vice-Reinado do Prata.
- Influência para a mais rápida libertação dos escravos.
- Expansão das idéias republicanas pelo contato com as outras repúblicas.
- Consolidação do Exército Nacional pelo prestígio e popularidade de seus chefes. Haja vista que uma "questão militar" foi a causa, ou melhor, uma das causas da queda da monarquia.
- Prestígio internacional de nossa diplomacia pela ação do Visconde do Rio Branco.

CONSIDERAÇÕES

Pensamos que seja útil acrescentar a este ligeiro esboço apresentado, a nossa compreensão sobre o conteúdo histórico daquela época que dinamizou as tendências geopolíticas do sul do continente. De antemão, podemos afirmar que a geopolítica por si não obriga, nem condiciona; apenas intervém nos acontecimentos dos Estados. É uma Ciência Política. Não é uma Ciência Geográfica.

Temos que atinar, de início, que o processo guerreiro se desenvolveu em uma área da civilização ocidental e no século XIX.

Em seguida, vamos examinar os valores históricos dessa civilização e aquilo que chamamos valores-processos, ou seja, valores variáveis no curso da mesma e que retratam épocas e áreas.

A civilização ocidental se assenta sôbre um valor histórico incontestado — o cristianismo, que deu forma ao seu humanismo, representado pela conquista da liberdade humana, preocupação principal do século XIX, e alargado pela aspiração da justiça social, tendência já do século XX.

Os valores básicos de uma civilização, como o cristianismo, se conservam em geral velados, e se projetam e dão forma a uma época por processos indiretos. Não vivem na periferia dos fatos. Na nossa civilização, estão representados pela luta para o abrandamento da crueldade e pelas leis e códigos de humanidade que regulavam o respeito ao prisioneiro, à velhice, à mulher, à criança, ao pobre. Foram valores de contenção, funcionando como resistências às tendências individualistas do século.

Em confronto, os valores-processos dinamizaram e possibilitaram a luta. É bom esclarecer que os valores-processos são instrumentos para conduzir a sociedade ao seu sentido histórico e representam para cada povo e cada área o máximo de evolução possível. Como que, nêles, os valores históricos se minimizam para serem realizáveis.

Como valores-processos do século XIX, visualizamos o individualismo que abriu desde séculos atrás, o caminho ao Renascimento do espírito humano, à acumulação da riqueza que gerou ilhas de prosperidade e possibilidade de trabalho. Determinou, contudo, uma exacerbação do egoísmo, criando para os grupos nacionais — um valor-processo — o nacionalismo, através do qual êsse egoísmo teve força para levar à frente as grandes arrancadas do expansionismo e do colonialismo. O clímax dêsse valor foi o século XIX.

Com Lopez, o valor foi exacerbado por sua personalidade forte e autoritária, pelo isolamento das populações do país do resto do mundo e, por um certo irredentismo contra todos e, particularmente, contra o Império, face as recordações do Vice-Reinado do Prata, um sonho latente em todos os povos da bacia e face à certeza que a política do Império lutava meio século para afastar a possibilidade de reorganização dêsse Vice-Reinado.

A geografia da área possibilitava a realização do expansionismo paraguaio, oferecendo duas direções geopolíticas — Assunção-Pôrto Alegre, Assunção-Buenos Aires.

Em termos de geopolítica, para ser forte é preciso antes de tudo, espaço, tanto que a Ciência foi difundida como a Ciência do Espaço Vital.

Kjellen, considerado o pai da Geopolítica, já estabelecera que uma grande potência deve possuir:

- espaço;
- liberdade de movimento;
- coesão interna.

A coesão interna foi buscada à base de uma disciplina férrea. A liberdade de movimentos seria mantida pela dominação do rio até a foz e pela maritimidade almejada. O espaço adveria como uma consequência da procura do mar.

Embora alguns geopolíticos afirmem que a procura do mar seja uma tendência natural dos Estados, Vivens argumenta contrariamente. Acha que essa tendência foi condicionada pelos bons êxitos marítimos do século XVII e XVIII — Holanda e Inglaterra. Que antes disso os soberanos não tinham essa preocupação.

De qualquer forma, o conceito político vigente no século XIX, consagrava a política de uma saída para o mar. O indiscutível, é que o acesso à foz do rio foi sempre uma aspiração das populações do curso médio.

Vivens vai buscar exemplos da 1ª dinastia egípcia com os faraós Tinistas e explica a vinculação da Normandia à França como uma preocupação dos soberanos franceses (Felipe II Augusto) de manter a foz do Sena (século XII).

Ademais, há outros princípios de geopolítica que estabelece que quem domina a foz, domina o rio.

Lopez, portanto, à luz dos valores-processos do século XIX, tinha apoio no ponto de vista reinante, para empreender a guerra.

A expansão, a nosso ver, poderia ser tentada, seguindo duas direções geopolíticas, já citadas:

- Assunção-Pôrto Alegre;
- Assunção-Buenos Aires.

As outras direções, rumo ao mar, eram impraticáveis. Com Pôrto Alegre nas mãos, teria pôrto e o espaço das coxilhas, espalhando-se pelo Estado do Uruguai até a foz do Prata. Num 2º lance, o Uruguai, talvez. Com Buenos Aires dominaria o rio, com um pôrto e um espaço controlado pela linha de comunicações do Paraná.

Históricamente, seria reproduzir o Vice-Reinado do Prata. O sentido geo-histórico (aqui cultural) daria força ao geopolítico.

Preferiu, contudo, a direção menos expressiva, sem meditar que a conquista do Rio Grande do Sul não haveria de ferir o espaço ecumênico do Império: o triângulo São Paulo-Rio-Minas, que representava, naquele momento, o nosso núcleo geo-histórico, segundo a expressão de Vivens, ou seja, o espaço nacional donde emanava o principal ímpeto criador da cultura brasileira.

Se optasse por Buenos Aires, isolando o Império diplomaticamente, teria sua tarefa mais facilitada.

O preparo e o aguerrimento do seu povo de um lado, e a Argentina convulsionada do outro, deixa margem a pensar em vitória. Some-se a essa escolha, um erro estratégico.

A sangria dada em seu exército pela invasão de Mato Grosso não era aconselhável estrategicamente. Houve uma vitória tática, mas uma derrota estratégica. Aquêlê efetivo poderia ser decisivo na direção principal de seu ataque.

Conclusões:

1. Lopez escolheu uma direção geopolítica razoável, mas que não era a melhor.
2. A conquista da foz do Paraná daria mais estabilidade ao seu espaço vital sob o ponto de vista geográfico: mesma bacia, e administrativo: comunicações mais fáceis.
3. A ênfase dada à operação Mato Grosso infirmou sua posição como estrategista.
4. E, como conclusão geral, que os objetivos devem ser tratados e procurados segundo as coordenadas que os enquadram. O ódio restringe o campo mental da escolha e as chefias, de qualquer espécie, não podem esquecer que elas são escravas dos objetivos que perseguem, devendo silenciar qualquer particularismo que lhes iniba a escolha.

CONCLUSÕES FINAIS

Foi nosso propósito, no centenário da GUERRA DO PARAGUAI, homenagearmos nossos heróis e recordarmos juntos os frutos daquela campanha homérica que tanto significou para a integração do Brasil e para dar vida ao Conceito de Segurança Nacional quando opôs barreira, de vez, aos antagonismos do sul do continente, que nos pressionaram por três séculos.

Podemos ajuntar, como síntese, nossas conclusões finais:

1ª — A guerra foi o termo de três séculos de conflito, como herança que vinha passando da metrópole às suas colônias e destas às nações novas, oriundas das colônias libertas.

2ª — Levando a guerra ao país do invasor, o Brasil escreveu uma vitória memorável pelo sacrifício exigido em pessoal e material e, com Caxias fê-la segundo o alto modelo das grandes campanhas de que se orgulha a história.

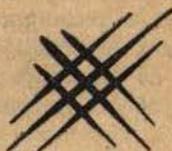
3ª — Fatôres geopolíticos inspiraram a Lopez o desencadeamento da guerra e a cartada jogada poderia ter dado ao Paraguai o pôrto, em espaço, de uma grande nação.

4ª — O nacionalismo, como valor-processo da época, criou clima expansionista, justificando o egoísmo dos grupos nacionais de se lançarem em luta para alargamento e grandeza de suas Pátrias.

5ª — O século XIX foi o século do individualismo e, "ipso facto", do nacionalismo, criando o expansionismo, o colonialismo e o detalhe da Guerra do Paraguai.

6ª — Este nacionalismo está evoluindo para um continentalismo de blocos ideológicos, dentro do qual as pátrias caminham para a feição de áreas com autonomia administrativa, sem ocorrer aquêlê antigo processo absorvente por parte dos centros dos sistemas — as antigas metrópoles — substituídas hoje pelas nações líderes e cuja ação agora se resume num poder de gravitação política e econômica, regulada por acórdos e tratados.

7ª — Todos êsses pecados estão sendo purgados por uma nova direção dos valores-processos da civilização ocidental, vivendo-se intensamente a experiência de assembléias internacionais, abrangendo regiões ou o mundo. Sem ferir a auto-determinação, isso implica num reconhecimento por parte das nações, de uma necessidade de harmonizar os seus interesses por um denominador comum que, embora difícil de formular, vem sendo tentado com persistência.



VOCÊ QUE JÁ É ASSINANTE, faça mais um assinante para **A DEFESA NACIONAL**, e estará assim contribuindo para o engrandecimento de sua Revista, QUE PRECISA DE VOCÊ.